

O FENÔMENO DA INTERTEXTUALIDADE NA NARRATIVA FICCIONAL DA SÉRIE TELEVISIVA *THE GOOD PLACE*

THE PHENOMENON OF INTERTEXTUALITY IN THE FICTIONAL NARRATIVE OF THE TELEVISION SERIES *THE GOOD PLACE*

Bruna Rocha Barbosa¹
Thallita Emanuella de Jesus Freitas²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar o fenômeno da intertextualidade presente na série televisiva *The Good Place* (2016-2020), com o intuito de ilustrar os recursos intertextuais que a compõe, sendo eles: alusão, referência e citação, com base nos estudos de Bakhtin (2006) e Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Para isso, buscaremos explorar, nos episódios selecionados, a maneira como as obras filosóficas distintas auxiliam na construção da narrativa central da série.

Palavras-chave: Intertextualidade. Série televisiva. *The Good Place*. Teorias linguísticas.

ABSTRACT

This article aims to analyse the intertextuality in the tv show *The Good Place* (2016-2020), with the intention to illustrate the intertextual resources that compose it, such as: allusion, reference and quotation, based in Bakhtin's and Koch, Bentes and Cavalcante's studies. Therefore, we will research selected episodes to see how different philosophical works collaborate in the main narrative development of the TV show.

Keywords: Intertextuality. TV show. *The Good Place*. Linguistic theories.

INTRODUÇÃO

Piccinin (2016), ao tratar sobre as narrativas das séries televisivas, se fundamenta nos conceitos de Esquenazi (2010) de que uma série televisiva é uma narrativa disposta por meio de episódios, mas não apenas isso, ela se define pela “implicação afetiva da narrativa por meio de seus personagens com seus públicos” (PICCININ, 2016, p. 22).

Introduzindo Jost (2010), Piccini estabelece ainda que:

as séries televisivas são fenômenos de consumo, especialmente na Tv sob demanda, porque evocam, pela ficção, credibilidade por conta de que oferecem capacidade vinculatória com os sujeitos ao investirem em referências ‘reais’, já socializadas em narrativas midiáticas outras, com personagens cotidianos inseridos no mundo dos eventos ‘verdadeiros’ (PICCININ, 2016, p. 23).

¹ Graduanda de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

² Graduanda de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Nesse sentido, a série norte-americana *The Good Place* narra a história de um grupo de pessoas que vão para o paraíso depois de morrerem e descobrem que pertencem, na verdade, ao inferno. O vínculo criado entre os personagens da série com os telespectadores se constrói por meio das experiências e dos questionamentos da narrativa ficcional e pelas relações, tanto diretas quanto indiretas, estabelecidas com outros textos e discursos, como peças teatrais, teorias filosóficas e fontes literárias.

Neste artigo, buscamos destacar como o fenômeno da intertextualidade se dá em obras audiovisuais contemporâneas, em específico, a série televisiva em tela. E, além disso, como ele contribui para a narrativa, de forma a enriquecê-la e legitimá-la, criando, então, uma relação dos estudos linguísticos com a arte televisionada.

A análise foi feita destacando episódios específicos das duas primeiras temporadas da série, sendo 6 episódios no total (3 episódios de cada temporada), que melhor se encaixassem nos estudos retomados de Bakhtin feitos por Koch, Bentes e Cavalcante (2007), em particular os tópicos alusão, referência e citação.

Intertextualidade de Bakhtin: base teórica da análise

Para Bakhtin, no capítulo “Discurso de outrem” (2006), “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 147), ou seja, nenhum enunciado ou discurso, quando só, carrega significação, ambos se apoiam em discursos e enunciados já ditos e, de alguma forma, enraizados neles, criando um aspecto de dialogismo e/ou metalinguístico.

À luz da teoria bakhtiniana, temos o objetivo de mostrar como os ecos presentes na série televisiva foram capazes de abranger um novo significado, através das diferentes situações em que são postos:

a enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional. (BAKHTIN, 2006, p. 148).

Na análise do artigo, buscamos demonstrar como os vários discursos se constroem ao longo da narrativa da série *The Good Place*, a maneira cômica como problemáticas sociais e questionamentos acerca da vida pós-morte são abordados e se apoiam em discursos filosóficos.

Para o andamento da análise, nos amparamos também nos estudos de Koch, Bentes e Cavalcante (2007), no capítulo “Intertextualidade - outros olhares”, do livro *Intertextualidade:*

diálogos possíveis, em que as autoras utilizam as ideias do teórico literário francês Gérard Genette sobre transtextualidade (que é tudo aquilo que se relaciona com o texto e que vai além dele próprio) e seus tipos, do livro *Palimpsestes*, de 1982, para relacionar com suas próprias noções de intertextualidade.

A noção apresentada pelas autoras sobre hipertextualidade e suas relações de derivação será de extrema importância para o desenvolvimento da análise, visto que o conceito de hipertextualidade se dá pela transformação do texto-fonte na criação de outro, por meio indireto ou direto. Esse conceito pode ser visivelmente notado na série, já que diversos discursos filosóficos citados são de ajuda para a criação de diferentes situações cômicas.

As autoras ainda separam por itens as derivações de intertextualidade e, para este artigo, serão necessários apenas três, a alusão, a referência e a citação. Elas se inspiram em linguistas como Piègay-Gros (1996) e Genette (1982) para definir esses conceitos.

Retomando Genette, as linguistas classificam alusão como uma menção indireta que “se dá quando um enunciado supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro ao qual remete tal ou tal de suas inflexões, que só são reconhecíveis para quem tem conhecimento do texto-fonte” (KOCH *et al.*, 2007, p. 127).

A referência, por sua vez, seria a menção direta de outros textos sem marcações tipográficas, não o citando literalmente, que Piègay-Gros, por meio das três autoras, classifica como “uma remissão explícita a personagens ou a entidades outras presentes em um dado texto” (KOCH *et al.*, 2007, p. 124-125).

Piègay-Gros, inspirada em Genette, define citação como uma “forma emblemática da intertextualidade, porque, por meio de códigos tipográficos, ela torna visível a inserção de um texto em outro” (KOCH *et al.*, 2007, p. 127).

Sendo assim, as autoras estruturam uma espécie de esquema para melhor ilustrar o posicionamento das três derivações em uma escala hipotética de explicitude que, para a elaboração deste artigo, se faz imprescindível, na medida em que as intertextualidades são reconhecidas na série televisiva:

É como se a *citação* se situasse no ponto mais alto de uma escala de explicitude, de marcação. Num grau mais baixo, poderíamos inserir a intertextualidade por *referência*, que não se realiza por marcas tipográficas e que, por isso mesmo, não é autoevidente, como a *citação*: requer do coenunciador um conhecimento prévio do texto a que pertence [...]. Já a *alusão* [...] se localizaria num grau mais baixo da escalaridade e se aproximaria da implicitude. O que distingue a *referência* da *alusão* é justamente a tentativa de implicitude desta última [...]. (KOCH *et al.*, 2007, p. 127).

***The Good Place* e o fenômeno da intertextualidade**

The Good Place é uma série televisiva norte-americana criada por Mike Schur e exibida pelo canal NBC entre os anos de 2016 e 2020. No Brasil, a série foi transmitida pela plataforma de *streaming* Netflix. A série possui 4 temporadas, com 53 episódios no total. Mike Schur também é responsável por outras séries de comédia como *The Office* (2005), *Parks and Recreation* (2009) e *Brooklyn Nine-Nine* (2013).

A série conta a história da vida pós-morte de Eleanor Shellstrop (Kristen Bell), uma mulher comum de Phoenix acostumada a trapacear, que, por engano, vai para o “Lugar Bom”. Logo no início, Eleanor percebe estar no lugar errado, mas não é corajosa o suficiente para abrir mão do paraíso, então suplica ajuda à sua alma gêmea, Chidi Anagonye (William Jackson Harper), um professor universitário de ética e moral que durante a vida foi uma pessoa indecisa e que, justamente por isso, causava o sofrimento das pessoas ao seu redor. Juntos, os dois percebem a existência de mais “erros” no paraíso: Tahani Al-Jamil (Jameela Jamil), uma *socialite* britânica com boas ações corrompidas, e Jianyu Li, um monge budista cumprindo seu voto de silêncio, mas que, na verdade, se chama Jason Mendoza (Manny Jacinto), um ex-DJ da Flórida.

A fim de merecer fazer parte do “Lugar Bom”, os quatro começam a se dedicar aos estudos de ética e moral para tentar se tornar pessoas melhores. No decorrer dos episódios, eles descobrem que não estão no paraíso de fato, mas sim no “Lugar Ruim”, e que são cobaias de um novo projeto de tortura idealizado por seu amigo e “Arquiteto da Vizinhança”, Michael (Ted Danson), um demônio do “Lugar Ruim”.

Retomando as ideias de Esquinazi (2010) e Jost (2010), *The Good Place* retrata temas frequentes e relacionáveis, como o questionamento de uma vida pós-morte e como as relações humanas são conciliadas, tanto para revelar o pior de uma pessoa como para fazer essa pessoa se tornar a sua “melhor versão”, além de abordar as teorias de Koch, Bentes e Cavalcante (2007) já citadas aqui, para enriquecer a narrativa criando uma história mais real e em que mais pessoas se relacionem, expondo uma visão do mundo contemporâneo.

Alusão

Cavalcante (2006) define alusão como uma “referenciação indireta” que cabe ao coenunciador um prévio conhecimento sobre o texto fonte; é a menção indireta de um texto em outro que só se torna compreensível quando o interlocutor conhece o texto originário.

A narrativa criada por Schur faz uma alusão à peça teatral “Entre Quatro Paredes” (*Huis Clos*), de Jean-Paul Sartre, escrita em 1944. A peça segue a história de três pessoas que morreram e foram para o inferno, um salão em estilo Segundo Império sem saída, em que eles têm que conviver uns com os outros para sempre.

Como castigo, Garcin, um escritor covarde que maltratava a esposa, Estelle, uma burguesa que assassinou seu próprio bebê, e Inês, uma funcionária dos correios que matou o marido de sua amada, se veem obrigados a encarar as ações que os levaram até lá e admitir suas próprias culpas. Em um lugar em que não existem espelhos, os castigados são submetidos a se verem no olhar uns dos outros e sair dos seus próprios olhares e pensamentos, encarando quem são de verdade e o porquê de estarem ali.

A relação das duas obras decorre do fato de que em ambas, histórias de vida pós-morte são contadas e os personagens se encontram no “inferno”, tendo que conviver entre si, expondo o pior de suas personalidades; em que a tortura não é o típico inferno bíblico com fogueiras, estacas e dores físicas, mas uma tortura psicológica, em que as pessoas são usadas contra as outras. A revelação dá-se pelo Garcin, no final da peça, quando, ao discutir com Inês, percebe que os três foram colocados juntos para atormentar uns aos outros durante toda a eternidade: “Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros!” (SARTRE, 2006, p. 22-23). Na série, essa mesma revelação acontece no episódio 13 da 1ª temporada, “O Plano de Michael”, quando Eleanor descobre que os quatro estão na verdade no “Lugar Ruim”, sendo torturados, desde que chegaram, por eles mesmos: “[...] quando estávamos todos brigando e gritando uns com os outros [...], pensei comigo: ‘Cara, isso é tortura’. Aí caiu a ficha. [...] Aqui é o Lugar Ruim”. “Temos torturado uns aos outros desde o momento em que chegamos”.

Figura 1 – Eleanor descobre que está no “Lugar Ruim” (1x13)



Fonte: Netflix

Em *The Good Place*, a constatação de Garcin se torna real, pois, para Eleanor, ela estava cercada de pessoas que eram melhores do que ela; sua presença no lugar errado causou a Chidi um dilema ético; Tahani era a tortura de Jason porque ela o forçava a falar; Jason, por sua vez, torturava Eleanor, por saber que ele estragaria seu disfarce de monge, o que foi tortura para Chidi que se sentia responsável por ela. Na peça sartreana, Inês se interessa por Estelle, que almeja Garcin; a primeira, por ciúme, faz de tudo para os separarem. Estelle tenta matar Inês, que já está morta, e Garcin, portanto, tortura Inês amando Estelle.

Mesmo não retratando infernos iguais (na série, é uma vizinhança criada especificamente para os quatro humanos, com lugares e pessoas que ajudarão na tortura, e na peça, um quarto fechado com apenas três poltronas e uma estátua de bronze sobre a lareira, onde não podem dormir e não tem espelhos), as duas criações artísticas abordam o Existencialismo de Sartre (1943), que diz que a liberdade é a essência de todas as coisas e, sendo livre, o homem é responsável por suas próprias escolhas e por quem ele escolhe ser: “Não somos aquilo que fizeram de nós, mas o que fazemos com o que fizeram de nós” (SARTRE, 1943).

Sendo assim, as ações e escolhas em vida dos personagens retratados os levaram tanto ao quarto fechado quanto ao “Lugar Ruim”, que, segundo a visão existencialista, pelas más ações na Terra, é onde têm que estar. Porém, as duas obras finalizam de formas diferentes. Enquanto Eleanor, Chidi, Tahani e Jason trabalham juntos para se tornarem pessoas melhores e recebem novas chances para, eventualmente, serem enviados ao “Lugar Bom”, proporcionando a *The Good Place* um final esperançoso e otimista; Garcin, Estelle e Inês de *Entre Quatro Paredes*, por outro lado, continuam ressaltando apenas o lado ruim de cada um e sendo o inferno uns dos outros.

Referência

Ao longo da série, pode-se perceber diferentes referências a filósofos durante as falas do personagem Chidi, que, por ser um professor de filosofia, sempre retoma os pensadores durante as aulas com Eleanor e durante os problemas enfrentados por eles.

Koch, ao incorporar o conceito de referência de Piègay-Gros, nos explica que “a referência remete o leitor a um outro texto, embora ‘não o cite literalmente’”, ou seja, diferente da alusão, a referência faz uma citação explícita em que existe uma menção direta ao texto em que se baseia.

No episódio “Resolução da Dança” (temporada 2, episódio 2), após serem reiniciados depois de 802 tentativas, Eleanor e Chidi descobrem mais uma vez que estão sendo torturados por Michael no “Lugar Ruim”. Então, eles tentam escapar indo para o “Lugar Médio”, onde mora Mindy St. Claire, a única pessoa destinada a esse lugar, por ter sido uma pessoa ruim, mas que, durante seus últimos momentos de vida, pensou em fazer boas ações, que se concretizaram após sua morte.

Ao chegarem lá, eles descobrem que não é a primeira vez naquele lugar, pois sempre que notam estar no “Lugar Ruim”, vão à Mindy St. Claire para pensar em um plano para derrotar Michael e os outros demônios. É quando Chidi percebe que estão “presos numa versão distorcida do Eterno Retorno de Nietzsche”.

Figura 2 – Chidi percebe que estão vivendo no Eterno Retorno de Nietzsche (2x02)



Fonte: Netflix

Nietzsche afirma em sua teoria do Eterno Retorno, um padrão de acontecimentos que se repetirão infinitas vezes através do tempo e do espaço, em diferentes eras do tempo: “Tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre se escoará outra vez, - um grande minuto de tempo no intervalo, até que todas as condições, a partir das quais vieste a ser, se reúnam outra vez no curso circular do mundo” (NIETZSCHE, 1901). E é nesse cenário que se encontram Eleanor, Chidi, Tahani e Jason, sendo reiniciados por Michael para viver no mesmo espaço e tempo, passando pelas mesmas situações de tortura.

No sexto episódio da mesma temporada, intitulado “O Dilema do Bonde” (temporada 2, episódio 6), ao passar para o lado dos humanos e pedir ajuda para se tornar um ser melhor, Michael começa a frequentar as aulas de filosofia do grupo. Em uma das aulas, Chidi explica o dilema do bonde, idealizado pela filósofa Philippa Foot, em 1967, em que um bonde descontrolado avança na direção de cinco pessoas. Pode-se, portanto, puxar uma alavanca para

mudar a direção do bonde, resultando, assim, na morte de uma só pessoa. O dilema está em puxar ou não a alavanca, matar uma ou cinco pessoas.

Figura 3 – Michael torna o Dilema do Bonde real (2x06)



Fonte: Netflix

O dilema pode ainda ter diversas variações, como quando cinco pessoas precisam de um transplante de órgãos e se tem a possibilidade de matar uma pessoa saudável para salvar as outras cinco. O dilema seria sacrificar uma pessoa para a sobrevivência de cinco. Michael ilustra a teoria levando Eleanor e Chidi aos cenários do bonde e do hospital, para uma ação prática dos dilemas de Foot.

Figura 4 – Outra versão do Dilema do Bonde (2x06)



Fonte: Netflix

Citação

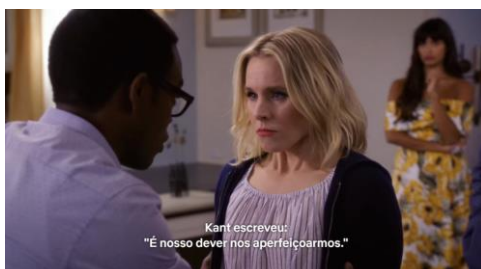
A citação se dá pela inserção de um outro texto de forma evidente e marcada por meio de aspas ou expressões prototípicas. Retomando a teoria de Genette (1982), Koch (2007) aborda que “elas instruem o coenunciador a identificar uma divisão de vozes, de alteridades, que [...] estão bastante demarcadas”.

Em *The Good Place*, aparecem várias citações a pensadores e destacamos as presentes nos episódios “Jason Mendoza” (temporada 1, episódio 4), “Jogador que Melhorou Mais” (temporada 1, episódio 8) e “Time Barata” (temporada 2, episódio 3). No primeiro episódio indicado, a citação do livro *Tao Te Ching*, de Lao Tzu, aparece em uma fala direta de Chidi para Eleanor, durante uma aula de filosofia: “Conhecer os outros é sabedoria, mas conhecer a si mesmo é iluminação”. Logo após essa fala, Chidi acaba descobrindo que Jianyu é, na verdade, Jason Mendoza e tentam encobrir tudo de Tahani.

Em “Jogador que Melhorou Mais”, o “Lugar Bom” fica um caos após a descoberta de que Eleanor não pertence àquele lugar e Michael descobre a existência de um assassinato no paraíso, o que leva a um interrogatório de Eleanor, Chidi, Jason e Tahani. Ainda passando pela mentira de ser um monge budista, que está em um voto de silêncio, Michael cita Buda no interrogatório de Jason (ainda Jianyu), a fim de receber um conselho do monge: “Foi Buda quem disse: ‘O homem vive uma vida pura. Nada pode destruí-lo’”.

No episódio “Time Barata”, os quatro amigos, pela 800ª vez, descobrem estar de fato sendo torturados, não física, mas sim, psicologicamente, e Michael, finalmente, decide abandonar o novo plano de tortura e tenta se aliar aos humanos, propondo ajudá-los a chegar no verdadeiro “Lugar Bom”. Num primeiro momento, Eleanor é totalmente contra essa ideia, por receio de ser mais um plano de tortura vindo do demônio e sua alma gêmea, Chidi, cita então Kant: “Kant escreveu: ‘É nosso dever nos aperfeiçoarmos’”, com o intuito de a convencer a mudar a perspectiva sobre Michael.

Figura 5 – Chidi cita Kant para Eleanor (2x03)



Fonte: Netflix

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série televisiva *The Good Place* é construída de modo a criar uma narrativa que se equilibre entre o real e o ficcional. Narrando uma história de vida pós-morte em que a ficção decorre da criação de um “inferno” e de um “paraíso” que se baseiam em vizinhanças de tortura ou prazer, o real é representado pelas ideias e estudos de diferentes filósofos e pensadores referenciados, tanto direta como indiretamente, ao longo das temporadas, criando o que Piccini (2016) estabelece como uma afetividade aos personagens e à história por meio de sua plausibilidade.

Ao longo da análise, pudemos observar que a narrativa de televisão construída por Schur só funciona pelas referências introduzidas ao longo dos episódios. Assim como na teoria de Bakhtin (2006), o discurso possui ecos de outros discursos já ditos anteriormente e ele apenas se constitui por essa interação. Os diversos ecos presentes na narrativa televisiva formam uma interação dinâmica entre as duas dimensões (discurso interior e discurso de outrem) e se unem para complementar a história e produzir sentido para o telespectador.

Isso posto, percebemos que a intertextualidade é clara e está fortemente presente ao longo de toda narrativa da série, aparecendo de diversas formas: através da alusão (a base da série é construída por meio dessa intertextualidade), da referência (aparecendo para validar uma afirmação) e da citação (com manifestações menos frequentes, mas importantes para a narrativa). *The Good Place* se organiza em uma lógica sequencial graças à intertextualidade bem articulada, que, de uma maneira cômica, consegue incorporar temas complexos e transformá-los em situações de fácil compreensão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução Michael Lahud; Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

JARONSKI, Leila Caroline. **O existencialismo de Sartre**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-existencialismo-sartre.htm>. Acesso em: 06 jun. 2020.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007

LAURO, Rafael. **Nietzsche - Eterno retorno**. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2017/02/01/eterno-retorno-de-todas-as-coisas/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

MELLOR, Louisa. **The 1944 Existentialist Play That Inspired The Good Place**. Disponível em: <https://www.denofgeek.com/culture/the-1944-existentialist-play-that-inspired-the-good-place/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

PICCININ, Fabiana. **Narrativas audiovisuais no contemporâneo: pensando as estratégias narrativas das séries televisivas**, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311136608_Narrativas_audiovisuais_no_contemporaneopensando_as_estrategias_narrativas_das_series_televisivas. Acesso em: 06 jun. 2020.

ROSSINI, Maria Clara. **A filosofia de The Good Place: os conceitos de moral abordados na série**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-filosofia-de-the-good-place-os-conceitos-de-moral-abordados-na-serie/>. Acesso em: 06 jun. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre Quatro Paredes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUSA, Ana Paula Nascimento dos Reis. **Entre quatro paredes**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/30907/entre-quatro-paredes>. Acesso em: 06 jun. 2020.

THE GOOD Place. 2016. Disponível em: <https://www.nbc.com/the-good-place> . Acesso em: 06 jun. 2020.